REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

AS AMAZÔNIAS COMO TERRITORIALIDADES DE ENUNCIAÇÕES NA *TETRALOGIA AMAZÔNICA*, DE BENEDICTO MONTEIRO

THE AMAZON AS TERRITORIALITIES OF STATEMENTS IN THE AMAZON TETRALOGY, BY BENEDICTO MONTEIRO

Airton Souza de Oliveira[3]
Fábio Fonseca de Castro[4]

> "Antes mesmo de vencer a barreira labiríntico-urbano-burocrática, somos alertados pelos ecólogos, antropólogos e sociólogos, de que o Baixo-Amazonas, como região característica de uma civilização fluvial, está ameaçado de total depredação por parte das chamadas frentes de progresso. Essas frentes de penetração, ou frentes de trabalho, ou ainda frentes de progressos, como chamadas pelas autoridades, são turmas pioneiras de construção de estradas de rodagem. Elas estão dirigindo em pinças sobre esta região, para destruir o que resta de sua civilização fluvial e de sua conformação natural."
> Benedicto Monteiro – fragmento do romance *A Terceira Margem.*

Vicente Franz Cecim escreveu, no início da década de 1980, o 'Flagrados em delito contra a noite/ Manifesto Curau', que é um dos textos críticos mais emblemáticos escritos sobre as Amazônias nas duas décadas finais do século XX, assim como é também toda a sua obra poética centrada na viagem onírica a Andara, tendo como territorialidade o espaço-tempo da Amazônia reinventada, mas reinventada a partir de dentro dela, de suas experiências endógenas.

[3] Professor da Educação Básica nos municípios de Marabá e Itupiranga. Licenciado em História, pela Uniasselvi. Licenciado em Letras pela Unifesspa. Mestre em Letras pela Unifesspa e doutor em Ciências da Comunicação, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia – PPGCOM, na UFPA.

[4] Professor associado da Universidade Federal do Pará. Pesquisador no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU), do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (Naea, UFPA), no Programa de Pós-graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) e na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA).

O texto ‘Flagrados em delito contra a noite/ Manifesto Curau’ convoca-nos a repensar a História e interrogar a suposta verdade a respeito do Ocidente autossuficiente, que considerou o restante do mundo como um reduto colonial. Neste manifesto, o escritor e poeta Vicente Franz Cecim nos convoca a ocuparmos o nosso lugar na história. Por isso, ele afirma que “as fábulas do Ocidente culto são, assim, quando existem, frequentemente documentos de um terror” (Cecim, 2020, p. 100). Um documento de ação, diga-se de passagem. A princípio, o que nos interessa em ‘Flagrados em delito contra a noite/ Manifesto Curau’ são os seus primeiros parágrafos:

> Vítimas de uma sociedade violentamente gerada pelos mais evidentes padrões de colonização, nossas chances de mudá-la começam na visualização da face oculta de quem nos fez isso. Este é um esforço que precisa voltar bem atrás e que deverá se espalhar, interrogativamente, em várias direções, para obter êxito (Cecim, 2020, p. 100).

Assim sendo, segundo o poeta Cecim (2020), uma de nossas primeiras tarefas é *visualizar a face oculta* que fez perdurar até nossos dias, especificamente, no caso das Amazônias, enquanto territorialidade enunciada, visões de territorialidade que foram e vêm sendo, por um longo período, estereotipada. Violentada. Espoliada por dinâmicas agressivas, como o processo de ocupação desenfreado e coordenado pela chamada frente pioneira através do projeto de colonização, intensificado ainda mais entre as décadas de 1960[5]. Vale enfatizar que as chamadas frentes pioneiras são consideradas, sobretudo, os projetos, as ações, a criação de órgãos e as dinâmicas de ocupações que foram, de maneira direta e indireta, incentivadas pelo Governo Federal, entre as quais a chamada ‘Marcha para o Oeste’, que incentivou a migração desordenada de nordestinos para as Amazônias.

Segundo Lúcio Flávio Pinto, essas frentes pioneiras sempre estiveram marcadas por grandes tensões sociais “onde os conflitos se sucedem sem a eficaz mediação dos órgãos do Governo” (Pinto, 1980, p. 7), e nas raras vezes em que essa suposta mediação acontece, ela sempre favorece os detentores do capital. De toda forma, essa falta de medição deu-se, em alguns casos, de maneira planejada, com total ausência de ações do Estado brasileiro nas Amazônias. Para Violeta Refkalefsky Loureiro, as terras da Amazônia sempre tiveram algum tipo de ocupação, mas foi

> a integração da Amazônia ao mercado nacional e internacional que provocou uma valorização da terra à qual se sucedeu o processo de

[5] A respeito disso as nossas principais referências aqui são as obras de Pinto (198O; 1982; 1991; 2002; 2012) e Loureiro (1992; 2009; 2015).

> expulsão das populações naturais. A rigor, este processo somente se acelerou a partir da extensão dos incentivos fiscais aos projetos agropecuários, portanto, em 1966 (Loureiro, 1992, p. 61-62).

Dessa maneira, as espacialidades amazônicas passaram a ser "a matéria-prima da soberania e da violência" (Mbembe, 2018, p. 39). Ainda em relação a isso, a tarefa aqui é disseminar indagações capazes de fazer com que a noção de territorialidades de enunciações problematize a caracterização do espaço geográfico amazônico, assinalado como um *inferno verde* ou *verde vagomundo* e, com isso, possa alcançar várias direções, principalmente, para quando nos depararmos com falas como a do *narrador-escritor-compilador* e professor de geografia do romance *A terceira margem* (1983), ao fazer referência direta aos fatores geográficos nas Amazônias, afirmando pejorativamente que "são esses fatores os que mais determinam as civilizações no seu desenvolvimento histórico" (Monteiro, 1983, p. 14), sermos capazes, de pelo menos, compreendermos que:

> Os sucessivos revezes das colonizações "norte-americana", "francesa" e "açoriana" suscitaram, na época, a ideia de que o clima da Amazônia era inapropriado e a região inabitável. A explicação geográfica é, porém, insatisfatória (Santos,1980, p. 91).

O que temos, pois, na fala do narrador, personagem e professor de geografia é ainda a forte presença do determinismo que foi, grosso modo, 'conteúdo base' para propagar a projeção histórica de uma suposta Amazônia interpretada, inicialmente, a partir dos olhares enviesados, vindos de fora e que será assimilado por alguns que estão na parte de dentro, às vezes, até de maneira imperceptível, inconsciente.

Nunca é demais lembrarmos que a visão determinista sobre a Amazônia vem desde o período colonial e reverbera até hoje. Esta visão foi concebida como verdade absoluta através de textualidades que primaram por elaborar percepções em que as Amazônias somente "uma espécie de sonho da futura colonização" (Bolle, 2010, p. 46), mas que, sem dúvida, refrata-se também em parte nas literaturas produzidas por escritores e escritoras brasileiras, como processo de permanência. Um exemplo instigante e, ao mesmo tempo, inusitado está na coleção *A literatura do Brasil*, publicada em 1955, revista e atualizada em 1986, e depois em 1997, sob a direção do crítico brasileiro Afrânio Coutinho e codireção de Eduardo de Farias Coutinho. O caso citado adiante está na secção intitulada 'Ciclo Nortista', escrita pelo crítico Peregrino Júnior. O texto referencial do 'Ciclo Nortista' é, de certa forma, assombroso, pela visão determinista que se propaga entre a relação direta do homem com a natureza amazônica. O pensamento totalmente

enviesado de Peregrino Júnior faz com que a ideia de Amazônia – como um *inferno verde* – e a disseminação de lógicas caricaturadas sobre a região amazônica se perpetuem e sejam sempre entendidas como verdade. Para exemplificar, vejamos um fragmento do texto:

> O homem que penetra a Amazônia – o mistério, o terror, ou, se quiser, o deslumbramento da Amazônia – escuta desde logo uma voz melancólica: a voz da terra. Abandonado na vastidão potâmica das águas fundas, dos igarapés e igapós paludiais, das ásperas florestas compactas, perdido naquele estranho mundo de assombrações, acossado pelo desconforto do calor sem pausa e pela agressão da mata insidiosa, com seus bichos, suas febres, suas sombras, seu duendes, ele logo de entrada recebe um golpe terrível, e desde então trava a luta mais trágica da vida, que é a adaptação ao meio cósmico. As forças que o esmagam- forças telúricas de aparência indomável – são um convite permanente à retirada e ao regresso. [...] O homem daquele mundo é assim um "ser destinado ao terror e à humilhação diante da Natureza." (Júnior, 1997, p. 239 – 240).

É sobre esta visão totalmente distorcida e determinista de Amazônia que este texto intitulado "Territorialidades de Enunciações: as Amazônias na *Tetralogia Amazônica*, de Benedicto Monteiro", antes de qualquer coisa, quer problematizar. Contudo, é como escreveu o poeta Max Martins no poema "É cedo (ou tarde) para o poema":

> Eu/sou frágil/embora ágil sobre o arame://Por um fio te envio (viaja) meu lírio. Cresce//Até que a lua/- tua lua e ventre/(o luxo)/murche/e já não me vês/te apagas//Tu também és frágil/embora hábil campo de espera://Por um fio teu laço chama, meu rumo ateias. Teces//Até que o sol/no solo esfrie/e esfrie a fala/o seu destino: o salto/(queda no ar)/do arame-álibi. (Martins, 1980, p. 55).

Talvez seja por conta de fatores como estes que o poeta Vicente Franz Cecim (2020) se perguntará e nos perguntará: "A Amazônia é uma irrealidade, então? Uma utopia? Um fantasma geográfico habitado por fantasmas humanos? É?" (Cecim, 2020, p. 103). Nota-se que os processos de estigmatizações sobre as Amazônia foram tão violentos que, de vez em quando, nós somos levados a elaborar interrogações como estas de Cecim (2020), sobretudo, em decorrência das deslegitimações históricas que atravessaram e atravessam as territorialidades geográficas, identitárias/identificações, políticas, econômicas, sociais, culturais, simbólicas, sentimentais e suas transfigurações em realidades comprimidas em determinado modelo estigmatizado. Por isso, ao propomos pensar as Amazônias em concordância com a noção de territorialidades de enunciações estamos, antes de tudo, agindo como o narrador, personagem e professor de geografia de *A terceira margem* (1983), quando este fala que:

> Diante dessa oportunidade, confirma-se em mim o sentimento de que, como geógrafo, não posso ser um mero espectador ou apenas um frio analista de paisagens. Tenho que ser compreensivo e participante, integrando-me totalmente nelas, ao mesmo tempo em que as estudo e as descrevo. Não posso compreender, por exemplo, a paisagem apenas como um fato natural, mas tenho que senti-la em toda a complexidade das implicações humanas. Preciso mesmo apreender, flagrar a vida no momento de maior expressividade fisiográfica de sua humanidade. (Monteiro, 1983, p. 17).

A citação mostra-nos que a atitude inicial do narrador, personagem e professor de geografia, é a de tentar desenviesar o próprio olhar endógeno diante das multiplicidades de realidades e tendo a sensação de que, mesmo imerso na espacialidade amazônica, haverá sempre nela uma inerente complexidade, principalmente porque ela possuí uma "realidade sócio-espacial plural e diversa" (Trindade Júnior, 2012, p. 173) e, que segundo Benedito Nunes (2012, p. 61):

> Do século XVIII em diante, a região Amazônica desempenhou, como estimuladora de variadas investigação cientifica, geográfica, geológica, econômica, etnográfica, arqueológica, botânica, zoológica, social e política, que dela fez, desde muito cedo, um atraente e privilegiado objeto de conhecimento.

É imprescindível observar que em sua autobiografia, intitulada *Transtempo* (1993), o escritor Benedicto Monteiro ficou muitas vezes impactado pela complexidade das realidades nas Amazônias. O exemplo mais contundente ocorreu durante um voo, em um bimotor, em que o escritor tinha como destino às Guianas, em decorrência da perseguição política que vinha sofrendo por conta da ditadura civil-militar do Brasil, mas que, por decisão do próprio Benedicto, foi alterado de última hora por motivos pessoais e sentimentais, antes da decolagem, indo em direção à cidade de Alenquer. Assim, o escritor Benedicto Monteiro transcreve esse diálogo e traz à tona o impacto que sofreu, vejamos:

> - Não, já decidi que não saio de minha pátria e nem de meu Estado. Creio que ainda pode haver uma resistência.
> - Então vamos para Alenquer?
> Respondi apenas com a cabeça.
> O avião voava muito alto, num céu completamente limpo. Limpo, quer dizer, azul. Embaixo, sem começo e nem fim, o horizonte, a planície Amazônica. E o imenso rio que não refletia nem o verde da mata, nem

> o azul do céu. E nem a luz do sol amortecendo nas suas águas barrentas. Tentei mentalmente compreender e descrever aquelas cores verdes, e senti a carência quase absoluta das palavras. Diante dessa visão nova para mim, movendo-me num ponto neutro e oscilante do infinito, pensei que as palavras da nossa língua não teriam, talvez, condições de descrever mil verdes espalhados na água, na mata e na terra distante. Ainda mais que a incidência do sol multiplica e diversifica o verde a cada instante, a cada ângulo da minha alucinada e inusitada perspectiva (Monteiro, 1993, p. 53).

Assim, entrelaçando o impacto das múltiplas realidades no mundo amazônico, tal qual o "permanente deslocamento do olhar" (Bolle, 2022, p. 70), empiricamente presente na perspectiva das matizes do verde da planície amazônica, do horizonte e a intrínseca relação com a ficção da Tetralogia Amazônica, Benedicto faz incidir pontos fundamentais a respeito das Amazônias como múltipla, diversa, heterogênea. Emblematicamente, no romance *A terceira margem* (1983), há uma fala semelhante ao recorte da que foi citada acima, vejamos:

> Dessas alturas e distâncias, não poderia ver mais os verdes-rios, os verdes-matas, os verdes-campos, os verdes-caminhos, os verdes-lonjuras. Só veria talvez os verdes-sombras, os verdes-águas-mortas, os verdes-distantes-das-distâncias (Monteiro, 1983, p. 20).

Esta fala é do narrador, personagem e professor de geografia e, que em um processo intersubjetivo, o que fica evidente é que ambas interconectam os tecidos sociais entre a ficção e as realidades. Além disso, reelaboram a imprecisão de como as Amazônias podem ser compreendidas como *a terceira margem*, tal qual as territorialidades de enunciações. Porém, analisando-as numa perspectiva instantânea, as falas parecem meramente contraditórias, principalmente, se partirmos da definição do verde como metonímia ou mesmo metáfora unívoca das Amazônia, mas é a impossibilidade da definição do próprio verde, aparecendo sempre matizado em ambas as falas, que se concatena essa diferença não apenas do verde, mas das representações imaginárias e reais das Amazônias. Embora a ideia *de verdes-distantes-das-distâncias* nos dê a impressão imediata de que estamos novamente perante a noção de Amazônia unívoca. Homogênea. Estereotipada. O vago mundo. Contudo, é essa incidência da imprecisão, centrada basicamente na multiplicidade, naturalmente pluralizada, que vai convergir para o impacto que teve tanto Benedicto Monteiro quanto o seu personagem, em direção as fissuras das Amazônias não como "o antiato da criação e o anteato da destruição" (Pinto, 1980, p. 53), mas sim, como as Amazônias em que:

> Os sentidos se formam, anulam ou transforma por meio de processos diversificados: fundem-se para formar novos sentidos, decompõem-se em sentidos diferente e mesmo contraditórios, multiplicam-se em sentidos novos, etc. (Castro, 2010, p. 24).

Para nós, a formação incessante de sentidos múltiplos, contraditórios, novos, heterogêneos e díspares, perpassa pela noção de territorialidades de enunciações, ao compreendermos que as Amazônias, segundo a fala do personagem o Cabra-da-Peste, "é desconforme por demais" (Monteiro, 1985, p. 36). À custa disso, pensar as Amazônias em conformidade com as territorialidades de enunciações é materializá-la. Vê-la. Senti-la. Não apenas como fabulação. Abstrata. Mítica. Infernal. Selvagem. Antítese. Vaga. Conotada. Misteriosa. Entretanto, a noção de territorialidades de enunciações é a possibilidade intrínseca de revelar atos de *transmudar*[6] e ao mesmo tempo a de *transver*[7] outras Amazônias, abertas como um mundo marcado pelas diferenças, problematizando o suposto "círculo abstrato da verdade" (Monteiro, 1983, p. 95), e que:

> Estava ali aberto na nossa frente: onda-rio-estrada; rio-no-céu-estrada-n'água; estrada-por-cima-de-rio; rio-por-baixo-de-estrada; mata-virando-onda; onda-virando-nuvem. Céu misturado em caminhos correntes pela água. Caminhos pelo meio da mata entrando pelas nuvens. Nuvens altas. Água e águas. Árvores e árvores. Nuvens e nuvens. Remansos de estradas. Estradas corredias. Corredeiras de estradas, águas bravias. Vento, muito vento. Vento levantando terra-folha-e-água. Remoinho-remoinho, n'água. Nem começo nem de tudo. (Monteiro, 1975, p. 23).

Um exemplo semelhante às falas de Benedicto Monteiro em *Transtempo* (1993) e a do narrador, personagem e professor de geografia de *A terceira margem* (1983) pode ser encontrando em outro romance da Tetralogia Amazônica, especificamente na obra *O Minossauro* (1975). Nessa narrativa, o narrador, personagem e geólogo Paulo, enfatiza em sua primeira fala que:

---

[6] *Transmudar* é o ato de alterar condições, sentidos, transformar. Essa palavra é usada por Guimarães Rosa com ligação direta ao mundo inventivo do sertão recriado em suas obras como, por exemplo, o romance *Grande Sertão: Veredas*. Ela é também referendada por Vicente Franz Cecim, em uma entrevista publicada na obra *Andara – Vicente Franz Cecim e a Narrativa Ontológica*, de Karina Jucá, publicada em 2010 e vencedora do Prêmio IAP de edições culturais, na categoria ensaio. No caso da referência a *Transmudar* por Vicente Franz Cecim é a compreensão da Amazônia como "regiões de metáforas da vida" (Cecim, 2010, p. 71).

[7] A palavra *transver* é utilizada nesta pesquisa da mesma maneira que o poeta Manoel de Barros a utilizou em seu poema 'As lições de R. Q.', publicado na obra *Livro sobre nada* (1996), e que se interliga diretamente também ao que concerne a ideia de *Transmudar*, reelaborando movimentos de sentidos como movências.

> Aqui nesta Equipe, estou no lugar privilegiado para ler, estudar, analisar e escrever. Todas as tardes chegam as turmas de topografia e de sísmica, do trabalho, com material de campo. Se puder recolher a impressão que cada um traz dos lagos, das matas, da terra e do rio, vou ter material para escrever um grande livro.
> Tenho que me libertar primeiro do condicionamento da literatura que li sobre a Amazônia. Já sei que não encontrar aqui, o mundo dos cientistas, dos cronistas e dos viajantes. (Monteiro, 1975, p. 41).

Uma das impressões imediatas que sentimos é a de que no projeto-estético-político de Benedicto Monteiro, deparamo-nos com processos que estão envolto da pragmática da descolonização do imaginário sobre as Amazônias, a partir de procedimentos de imersões de olhares voltados para o dentro e indiretamente para o fora. Essas experiências, querendo ou não, são múltiplas. Díspares. Heterogêneas. À custa disso, podem ser consideradas políticas, históricas, sociais, religiosas, diaspóricas, intersubjetivas e que contribuem para refratar, interrogar e borrar algumas das dimensões que foram, historicamente, elaboradas com elementos estigmatizadores e que resultaram em estereótipos. Elementos estigmatizadores que são, inclusive, encontrados facilmente nos romances que compõem a Tetralogia, seja nas falas dos personagens que vêm de fora das Amazônias, ou até mesmo de personagens amazônidas. Vejamos um exemplo clássico:

> Tenho me debatido entre o efeito literal da palavra e a necessidade de aprofundar a linguagem a tal ponto que possa transmitir aquilo que realmente sinto neste vagomundo. [...] Mas, aqui na Amazônia onde o ar é quase água, a luz branca só se decompõe nas cores do arco-íris. Só que o verde predomina em todas as coisas e até nas criaturas vivas. Agora então, com a violência das águas e a transparência das chuvas, o verde torna-se espectral. (Monteiro, 1975, p. 173).

Ou representada de maneira ainda mais trágica como a fala do Major Antônio Medeiros, presente no romance *Verde Vagomundo* (1972):

> Não sei bem, se é a noite escura e pesada da floresta próxima e asfixiante, que me dá a sensação de estar escutando este rádio, no fundo de um buraco. De um buraco, que pode ser tanto a vala de uma trincheira, como a cratera de uma bomba ou o leito provisoriamente seco deste rio próximo a encher e transbordar. (Monteiro, 1972, p. 57).

Ou, às vezes, representada de maneira assimilada dentro dessa mesma lógica de *inferno*, que suplanta o homem e, ao mesmo tempo em que o determina, como esse exemplo extraído da fala de Miguel dos Santos Prazeres:

> A natureza mesma suplantava o homem na maior crueza. Castigava em toda a violência. Meu padrinho possidônio dizia que as pelejas dos jagunços, as caçadas dos coronéis, as emboscadas da polícia não tinham panorama de arrojo naquelas brenhas de igapó. Aquela terra toda alagada, com aquela mata toda intricada, não servia nem para o cangaço. (Monteiro, 1985, p. 24).

Foram formulações como essas que contribuíram para tornar o mundo amazônico na ideia de territorialidade enunciada, unívoca, dotada de um suposto movimento, primordialmente, determinista. Sobretudo, abarcada pela falácia e o estereótipo em torno do que foi e vem sendo considerado como o *vagomundo*. Às custas disso, grosso modo, podemos dizer que é também pelo processo de assimilação que se dá a relação tênue entre a noção de territorialidade enunciada e de territorialidades de enunciações. E é justamente no romance *Aquele Um* (1985) que temos a maior evidência, através das falas do personagem Miguel dos Santos Prazeres, vulgo Afilhado-do-Diabo, também conhecido com a alcunha de Cabra-da-Peste, desse processo de assimilação de uma Amazônia enunciada. Embora, seja preciso enfatizarmos que é também neste mesmo romance, nas falas e ações deste mesmo personagem, que temos os exemplos mais diretos das Amazônias como territorialidades de enunciações, maiormente através de tecidos sociais e as experiências sócio-históricas demarcadas por lógicas exógenas.

Contudo, como estamos diante de quatro romances que se interligam, por meio de vários elementos, até mesmo estéticos, como a presença, na maioria deles, de textos de outras naturezas e gêneros, não poderíamos deixar de fazer as seguintes interrogações: há de fato um projeto de Amazônias na obra de Benedicto Monteiro? Se há, que projeto é esse? Como e com quais elementos ele emerge? O que este projeto de Amazônias abrange dentro das relações históricas-sociais nas Amazônias? Como se dão os processos de territorialidades de enunciações dentro da Tetralogia Amazônica? Perguntas como estas, centradas em outras produções artísticas na América Latina, suscitaram e ainda suscitam debates imprescindíveis e que vêm sendo realizados em várias áreas dos pensamentos críticos, tanto na América Latina quanto em outras regiões, principalmente as que passaram pelo complexo processo colonial, a citar as pesquisas realizadas por Ángel

Rama, Walter Mignolo, Fernando Ortiz, Hugo Achugar, Boaventura de Souza Santos, Zilá Bernard e Ana Pizarro para ficarmos com alguns exemplos mais referenciados.

Portanto, pensar as Amazônias como territorialidade enunciada e territorialidades de enunciações não é, basicamente, reelaborar substratos de noções que estão em permanente desassociados, conformando uma espécie de binarismo, ou são puramente dois polos que estão constantemente em divergência. Pois, vimos na citada fala do personagem Miguel dos Santos Prazeres, através do elemento de assimilação, que, em algum momento, as 'superfícies' representacionais de territorialidade enunciada e de enunciações, mesmo em constante tensão, resvalam-se. Tocam-se. Por isso que pensar a partir das territorialidades de enunciações não é elaborar reflexões que negam o que acontece, transversalmente, na noção de territorialidade enunciada, mas, antes de qualquer coisa, seja capaz de interrogar os diversos elementos que tentam esboçar uma única visão de Amazônia. Entre os quais as ações centradas na formação discursiva e textual de territorialidade enunciada e que conformam as relações de poder que no fim das contas resultaram em processos de espoliações no mundo amazônico. Por isso, as perspectivas em torno das territorialidades de enunciações são capazes de trazer a lume elementos necessários a nos fazer visualizar *a face oculta*, aludida por Vicente Franz Cecim (2020), no manifesto 'Flagrados em delito contra a noite/ Manifesto Curau'.

Deste modo, consideramos que territorialidades de enunciações são os processos capazes de corporificar, textual ou em ações, perspectivas críticas sobre os mais diversos aspectos; o reconhecimento das diferenças dos tecidos sociais; as práticas sócio-históricas; as relações econômicas; culturais; identitárias/identificações; os imaginários; as formas políticas; e interrogar constantemente a visão estereotipada sobre as Amazônias. Uma vez que as Amazônias não podem mais ser enxergadas apenas como o *verde vagomundo* a ser ocupado. O *inferno verde* determinista. *A selva*[8] punitiva. Arquetípica. Fetichezada. Constituída, principalmente, de terras devolutas, vazia, demograficamente, para justificar a expansão do capital e, que segundo Edna Castro "o avanço para novas fronteiras sempre foi episódio da expansão da civilização capitalista" (2010, p. 109), processo que a própria Edna Castro (2010) caracteriza como sendo uma

[8] *A Selva* é o título do romance do escritor português Ferreira de Castro, publicado em 1930, pela Editora Cavalo de Ferro. O enredo gira em torno do personagem Alberto e de sua relação direta com os seringais na Amazônia. Alberto é um imigrante português que veio para Belém, mas depois vai para uma parte da floresta amazônica trabalhar no seringal 'Paraíso', às margens do Rio Madeira, como seringueiro. No romance, é dessa relação que vem a noção de Amazônia como uma selva.

mera invenção da pseudointegração[9], mas que está profundamente compreendida na sua própria face revelada ou introspectiva como a *terceira margem* possível. Isso por que:

> A Amazônia não é um espaço homogêneo. [...] A integração de grandes porções do espaço amazônico à ordem espacial imposta pelo Estado submete-as à ordem de um espaço lógico, mas em que a lógica do conjunto homogêneo é desmentida pela fragmentação do detalhe. (Becker, 1990, p. 23).

É nesta fragmentação aludida por Becker (1990) que as territorialidades de enunciações atuam. Justamente nos movimentos e complexidades *dos detalhes*. Realçando ou recolocando em permanente estado de tensão as contradições. As diferenças. O múltiplo. Tensionando as matrizes que sempre estiveram por trás da noção de territorialidade enunciada, entre as quais: o falacioso projeto de progresso-desenvolvimento, a projeção de um estado nacional que visava apenas, discursivamente, a suposta noção de integração, pautada na ideia e em modelos externos da suposta civilidade e a falácia em torno da modernidade. Até porque,

> O modelo de ocupação da terra, na Amazônia, incentivado pela SUDAM dos anos 1970 em diante, de grandes fazendas com financiamento público, e de intervenção maciça na exploração mineral, a exemplo do Programa Grande Carajás, ou de incentivo ao extrativismo de madeira, associado ao modelo de polos de desenvolvimento, acabou revelando ao mundo outra Amazônia, a da floresta em chamas, de chacinas e mortes de índios e camponeses, de conflitos, de acirramento das disputas na fronteira. (Castro, 2017, p. 9).

Em contrapartida a essa revelação de uma Amazônia espoliada, aludida por Castro (2017), há dentro dos quatro romances que compõem a Tetralogia Amazônica, diversos elementos e perspectivas que atravessam a noção de territorialidades de enunciações, entre os quais, podemos destacar: a diversidade dos espaços físicos e simbólicos das Amazônias; a presença dos saberes; a ressignificação da fauna e da flora; as representações identitárias/identificações – moventes -, de vários personagens; as temporalidades; a relação política das Amazônicas com o país e com o mundo; o próprio processo estético dentro dos romances com a presença de enxertos de textos de outros gêneros, por exemplo; além do mais, as matizes de representação das cores é um exemplo muito significativo que, inclusive, está presente em três dos quatro romances, a saber:

[9] Segundo esta pesquisadora, isso contribuiu diretamente para que a Amazônia fosse transformada em "uma fronteira de *commodities*" (Castro, 2010, p. 114) e que vai resultar em uma incessante visão de Amazônia como o eterno *eldorado* ou o *verde vagomundo* a ser incessantemente espoliado. A amazônica como território enunciado.

Verde Vagomundo (1972), *O Minossauro* (1975) e *Aquele Um* (1985), entre outros fatores. Embora seja preciso enfatizar que um dos elementos mais contundentes para interpretarmos a noção de territorialidades de enunciações é a do personagem Miguel dos Santos Prazeres, pois este *persona* é parte emblemática do que Maffesoli (2005) caracteriza como *corpo social*, em uma conjugação entre o eu[10] e outro, político, comunitário, em mútua existência social.

REFERÊNCIAS

BECKER, Berta. K.; MIRANDA, Mariana; MACHADO, Lia O. *Fronteira Amazônica – questão sobre a gestão do território*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Rio de Janeiro: Editora Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1990.

BOLLE, Willi. A travessia pioneira da Amazônia (Francisco de Orellana, 1541 – 1542). In: BOLLE, Willi, CASTRO, Edna, VEJMELKA, Marcel. (Orgs.) *Amazônia região universal e teatro do mundo*. São Paulo: Globo, 2010.

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin.* 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

CASTRO, Edna. Políticas de Estado e atores sociais na Amazônia Contemporânea. In: BOLLE, Willi. CASTRO, Edna. VEJMELKA, Marcel. (Org.) *Amazônia: região universal e teatro do mundo*. São Paulo: Globo, 2010.

CASTRO, Fábio Fonseca de. *A cidade Sebastiana – Era do borracha, memória e melancolia numa capital da periferia da modernidade*. Belém: edições do autor, 2010.

CASTRO, Edna. Introdução a Territórios em transformação. In: CASTRO, Edna. (Org.). *Territórios em transformação na Amazônia – saberes, rupturas e resistência*. Belém: NAEA, 2017.

CECIM, Vicente Franz. Entrevista, In: JUCÁ, Karina. *Andara – Vicente Franz Cecim e a Narrativa Ontológica*. Belém: IAP, 2010.

CECIM, Vicente Franz. *Viagem a Andara O livro invisível – Os Animais da Terra - Manifesto Curau e outras visões de Andara*. Belém: Secult/PA, 2020.

JÚNIOR, Araripe. Ciclo Nortista. In: COUTINHO, Afrânio. FARIA COUTINHO, Eduardo. *A Literatura do Brasil*. Vol. 4. 4º ed. rev. e atualizada. São Paulo: Global, 1997. Página 239 – 249.

[10] Em sua obra *A contemplação do mundo* Michel Maffesoli afirma que "é certamente o quotidiano do sujeito que vai determinar a vida social em seu conjunto" (Maffesoli, 1995, pág. 70), o eu, nesse caso, é coletivo, pois está afirmação pode ser compreendida, em parte, como um de seus conceitos mais caro que é o de *estar-junto*.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. *Amazônia – Estado – Homem – Natureza*. Coleção Amazônica nº 1. Belém: CEJUP, 1992.

MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Tradução: Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes & Ofícios Editora, 1995.

MAFFESOLI, Michel. *A Transfiguração do Político: a tribalização do mundo*. 3ª ed. Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MARTINS, Max. *O risco subscrito*. Belém: Mitograph Editora, 1980.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica – Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. Tradução: Renata Santini. 3ª ed. São Paulo: N -1 edições, 2018.

MONTEIRO, Benedicto. *Verde Vagomundo*. Brasília: EBRASA, 1972.

MONTEIRO, Benedicto. *O Minossauro*. Rio de Janeiro: Novacultura, 1975.

MONTEIRO, Benedicto. *A Terceira Margem*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.

MONTEIRO, Benedicto. *Aquele um.* Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1985.

MONTEIRO, Benedicto. *Transtempo*. Belém: CEJUP, 1993.

MONTEIRO, Benedicto. *Como se faz um guerrilheiro*: novela. Belém: CEJUP, 1995.

NUNES, Benedito. *Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura no Pará*. Organizador: Victor Sales Pinheiro. Belém: Secult/PA: Editora UFPA, 2012.

PINTO, Lúcio Flávio. *Amazônia: No rastro do Saque*. São Paulo: Editora Hucitec, 1980.

SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. *História econômica da Amazônia – 1800 – 1920*. São Paulo: Editora T. A. Queiroz, 1980.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. A cidade e o rio na Amazônia: mudanças e permanências face às transformações sub-regionais. In: CASTILHO, Alison Pureza e et.al. *Terceira Margem Amazônia*. v. 1, nº 1 (jun. 2012). São Paulo: Outras Expressões, 2012. Revista Semestral. Página 171 – 183.

Sobre os autores

Airton Souza de Oliveira
Doutor em Ciências da Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM/ UFPA). Mestre em Letras, pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Linguística, Letras e Artes –(ILLA/UNIFESSPA).Graduado nos seguintes cursos: Letras – Português (UNIFESSPA. 2014), História (Centro Universitário Leonardo da Vinci/UNIASSELVI /2012) e Pedagogia (Centro Universitário Internacional (UNINTER,2023). Pós-Graduado em História e Cultura Afro-Brasileiro (UNIASSELVI). Pós-Graduado em Administração Escolar, Supervisão e Orientação (UNIASSELVI). Escritor. Publicou 51 livros. Venceu mais de 160 prêmios literários.

CV: http://lattes.cnpq.br/7472690533459967

Fábio Fonseca de Castro
Professor titular da Universidade Federal do Pará, vinculado ao Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. Bolsista de Produtividade em Pesquisa (PQ) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Professor no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU) e no Programa de Pós-graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM). Foi professor visitante (visiting scholar) no Departamento de Sociologia da Universidade de Cambridge e conferencista da London School of Economics (2017-18). Estágio de Pós-doutorado em Etnometodologia (Universidade de Montreal/2014). Doutor em Sociologia pela Universidade da Sorbonne (Paris V Descartes/2004). Mestre em Antropologia e Estudo das Sociedades Latino-Americanas (Universidade de Sorbonne-Nouvelle/2000). Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (1995). Graduado em Comunicação-Jornalismo (UFPA/ 1990). Vice-líder do Grupo de Pesquisa Socialidades, Intersubjetividades e Sensibilidades Amazônicas (SISA) e líder do Grupo de Pesquisa sobre Ontologias do Desenvolvimento (ONDE), no CNPq. Ocupou diferentes cargos no Governo do Estado do Pará, foi delegado pelo Pará à I Conferência Nacional de Comunicação. Atua no campo de investigação das experiências sociais amazônicas, com interesse nas dinâmicas de intersubjetivação, socialidade, sensibilidade, identidades/identificações e autoreflexividade e com apoio de metodologias compreensivas, fenomenológicas e hermenêuticas. Desde 2021 desenvolve também uma atividade de produção literária, iniciada com o romance "O Réptil Melancólico", Prêmio Sesc de Literatura 2021, lançado em outubro desse ano pela Editora Redor e que foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura 2022 e Semifinalista do Prêmio Oceanos de Literatura 2022.
CV: http://lattes.cnpq.br/5700042332015787

Texto submetido em: 14/08/2024
Aceito em: 28/08/2024